

## CIÊNCIA DA COMUNICAÇÃO: notas prolegominais

Luiz Carlos dos Santos

A Ciência da comunicação originou-se com um foco nos efeitos da comunicação de massa, mas também incluiu estudos de comunicação interpessoal, comunicação organizacional e outras áreas, algumas das quais agora estão lado a lado com a comunicação como subdisciplinas também importante.

Entende-se que, entre as disciplinas acadêmicas, a ciência da comunicação reivindica uma identidade distinta como um campo variável que cruza níveis do fenômeno.

Nessa perspectiva, Paisley (1984), apresenta uma matriz de níveis de disciplinas da ciência social que esquematiza essa idéia. Nessa linha, há disciplinas ou níveis, que vão do macroscópico ao microscópico - antropologia, sociologia e psicologia; e, a depender do seu objeto, as ciências sociais, gradualmente, passam para níveis mais microscópicos, biológicos como, por exemplo: marketing, turismo, propaganda, publicidade, editoração, etc (na Comunicação); Por outro lado, perpendicular aos níveis, estão às disciplinas variáveis, sendo a cibernética, a pesquisa de sistema e a pesquisa em comunicação identificada como campos variáveis, fundamentais, e a ciência política, a economia, dentre outras, como campos variáveis de ordem superior.

Observe-se que os campos variáveis fundamentais quase não têm conteúdo social intrínseco, mas empregam o conteúdo social de aplicações diversas, enquanto os campos de ordem superior centram-se em fenômenos ou situações particulares.

Registre-se que a ciência da comunicação adota posição idealista e um pouco linha dura em relação à política dos estudos da comunicação. A posição é idealista por implicar um programa radical de reforma ditado por uma determinada idéia conceitual de disciplinaridade: a de uma disciplina em nível científico, integrada teoricamente. Adeptos da ciência da comunicação admitem livremente que o campo agora não atinge o seu ideal em vários aspectos. Eles estão menos propensos a enfatizar a controvérsia da idéia em si. Em outras palavras, o modelo de ciência da comunicação marginaliza ou exclui completamente muito do que até agora constitui verdadeiramente o campo de estudos de comunicação – campo que inclui diversas áreas e condições humanísticas, interpretativas, críticas e correlatas, cujas reivindicações para a centralidade não são, de fato, menos justificadas do que as da ciência social empírica. Ironicamente, a integração teórica e institucional prevista pela ciência da comunicação pode ser realizada apenas com uma política disciplinar, linha dura, de exclusões

e balcanização. Uma interpretação mais integrativa da disciplina deve começar; ao contrário, por uma completa apreciação da profundidade da heterogeneidade que caracteriza atualmente os estudos de comunicação.

Entende-se que qualquer autoridade que a ciência da comunicação possui, deve-a principalmente à ressonância e à atratividade da comunicação como símbolo que evoca os principais problemas e oportunidades, característicos de um mundo cada vez mais fragmentado e ainda interdependente.

Dos estudos procedidos, infere-se que o campo em análise, atraiu estudantes e recursos institucionais não por que sua utilidade científica tenha sido provada (não o foi), mas porque seu tópico é considerado importante, significativo e, especialmente, útil.

Segundo Craig (1989), a comunicação, como disciplina de todo jeito, é assim, inevitavelmente, uma disciplina prática. A tarefa teórica central da ciência da comunicação é encaminhar utilmente os muitos problemas de comunicação na sociedade sobre a qual a formação da disciplina se baseou. Desse modo, uma disciplina de comunicação coerente pode localizar sua problemática apenas em relação ao discurso cultural da comunicação. Portanto, a ciência da comunicação não traz para sua tarefa um núcleo disciplinar estabelecido de teorias clássicas e modelos de pesquisa. O campo compreende diversas tradições acadêmicas, cada uma tendo produzido ou apropriado seus próprios recursos intelectuais, mais ou menos coerentes, que convergiram institucionalmente sob a bandeira simbólica da comunicação.

Aplicando-se um corte de cunho epistemológico, constata-se que a história da humanidade é a história da comunicação, pois o homem é um ser comunicante. De tal modo, o racionalismo de Descartes, “penso, logo existo”, pode ser assim melhor entendido: comunico, logo existo.

Desde o instante em que o mais antigo ancestral encontrou outro semelhante nasceu a necessidade de se criar mecanismos e meios de se comunicar, de se fazer entender e compreender o desejo do outro. Daí se originaram as linguagens.

Saliente-se que, com o passar do tempo, a comunicação - o ato de tornar a ação comum, compartilhar idéias - aperfeiçoou-se e estimulou o desenvolvimento social e tecnológico do ser humano.

Ressalte-se que o advento da escrita foi, sem dúvida, um dos maiores feitos e conquistas da humanidade. Inevitavelmente, esta descoberta chegaria a ter aproveitamento tecnológico, o que ocorre na metade do século XV, quando Johann Gensfleisch Gutemberg cria a imprensa e inicia uma nova fase na comunicação social.

Em 1790, anos após a invenção de Gutemberg, o engenheiro francês Claude Chappe desenvolve o primeiro sistema de telégrafo, cuja sistematização é feita por Samuel Morse, em 1838.

Já o século XIX foi marcado por uma avalanche de descobertas na área das comunicações. Em 1832, Joseph Plateau cria o primeiro aparelho a produzir a ilusão de movimento em um desenho que serviu de base às pesquisas que resultaram na criação do cinema, em 1895, pelos irmãos Auguste e Louis Lumière.

Nessa esteira, em 1876, Alexandre Graham Bell inaugura um novo meio de comunicação: o telefone.

Alicerçando-se os estudos na área, Heinrich Rudolf Hertz, Guglielmo Marconi, nos suspiros finais do século XIX, apresenta o rádio à humanidade.

Do rádio, evoluiu-se para a televisão e, na última década do século passado, viu-se surgir a internet e com ela o romper de todos os limites da comunicação.

Frise-se que a evolução dos meios de comunicação também se processa no sentido de aperfeiçoá-la a ponto de conseguir realizar a proeza de informação ocorrer em tempo real, não só na velocidade do som, mas da luz.

Evidentemente, o mundo mudou: vive-se em uma nova realidade onde imagem e o movimento fazem parte do cotidiano de cada ser vivo. Em um mundo cada vez mais internacionalizado, globalizado, a mundialização do conhecimento se faz necessária. Sem isto, entende-se, a simples informação está fadada a desaparecer, a se anular.

Voltando-se às considerações iniciais deste texto, depreende-se, pois, que a comunicação deve ser entendida como a voz disciplinar de uma comunidade multivocal interpenetrando dialogicamente a comunidade multivocal de disciplinas, caracterizada pelo conjunto de recursos intelectuais com os quais reconstrói e intervém no problema de comunicação na sociedade.